

## FUNÇÕES LINGÜÍSTICAS DOS VERBOS DICENDI

*“A palavra não foi feita para enfeitar,  
brilhar como ouro falso. A palavra foi  
feita para dizer.”*

(Graciliano Ramos)

RODRIGUES, Tânia

### RESUMO

Este trabalho direciona-se para a análise dos verbos dicendi, em textos jornalísticos e midiáticos, identificando-lhes diferentes funções discursivas. Ressalte-se, ainda que selecionamos, para o nosso corpus, os reportes de fala em discurso direto. Utilizamos, ainda, como critério de seleção, quatro protagonistas do discurso literário a saber: Iracema (De José de Alencar), Capitu (de Machado de Assis), Fabiano (de Graciliano Ramos) e Macabéa (de Clarice Lispector), seguindo, assim, a ordem cronológica dos movimentos literários preconizados pela Teoria da Literatura. Na mídia impressa, identificamos, também, quatro personagens sociais: o político, o artista, o esportista e o cidadão comum. Ao final da pesquisa, verificamos, a partir de nosso corpora, seis funções para os dicendi: a transitiva, a metalingüística, a coesiva, a argumentativa, a caracterizadora e a expressiva.

### PALAVRAS-CHAVE

Verbos dicendi; funções; jornalismo; literatura; discurso direto.

O vocabulário de um idioma distribui-se em duas partes: o sistema aberto, cujo número de palavras é ilimitado (o verbo faz parte deste primeiro inventário) e o sistema fechado (os conectivos, por exemplo) composto por vocábulos menos suscetíveis à mudanças e ampliações. As palavras, por sua vez, possuem formas e funções. O verbo é uma classe rica em formas e, por conseguinte, facilmente identificável no sintagma “...entretanto, abandonando tanta opulência morfológica, é ao sentido que a tradição recorre para identificar o verbo.” (Macambira, p. 39, 2001).

O VD, como qualquer outro verbo, possui um elemento invariável que nos é dado pelo infinitivo impessoal menos a desinência – r e a vogal temática, própria de cada conjugação (a/e/i). Seu paradigma flexional caracteriza-se por apresentar variação

modo-temporal e número-pessoal. Quanto à primeira flexão, o VD pode apresentar-se no presente, no pretérito perfeito, no imperfeito e no mais-que-perfeito do modo indicativo e em formas nominais (gerúndio). Encontramos, também, em nosso *corpora*, algumas locuções verbais utilizadas como autênticos VDs, como, por exemplo, “**ousou perguntar**”, opção de Clarice Lispector para uma das falas de Macabéa. Já a variação número-pessoal transita entre o singular e o plural de todas as pessoas gramaticais, predominando, no *corpora* sob análise, a terceira pessoa do singular.

No caso específico do VD, sua descrição lingüística aparece, geralmente, em capítulo que trata do discurso direto, indireto e indireto livre, sendo utilizado, apenas, nos dois primeiros. Este fato já pressupõe identificar o VD como elemento funcional dentro de um discurso específico. Assim, os VDs se inserem na oração principal, tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as nossas próprias palavras ou as de outrem. Sua função nuclear no predicado verbal já o coloca em uma posição de destaque dentro da oração.

Optamos, neste capítulo, por sistematizar as funções dos VDs, no âmbito sintático-semântico-discursivo, uma vez que esses verbos relacionam-se ao dito, ao entrevistado, ao contexto e a outros componentes que formam a trama do discurso reportado. São eles que direcionam nossa análise. Foram eles que serviram de motivação aos escritores (ainda que de forma inconsciente) para a seleção e combinação dos VDs.

Antes, porém, remontaremos a Karl Bühler (apud Souza, 1999, p. 10) que, à luz da Psicologia, elaborou um primeiro estudo sobre as funções da linguagem. Segundo o teórico:

“A primeira função, **representativa**, é aquela em que predomina a informação sobre a realidade, o mundo objetivo. A segunda, **expressiva**, está centrada no remetente da mensagem. A terceira, **apelativa**, está centrada no destinatário.”

[grifo nosso]

Mais tarde, este esquema foi redenominado e ampliado por Jakobson (1991) que relacionou as funções da linguagem aos fatores constitutivos do ato de comunicação, quais sejam: remetente, destinatário, contato, mensagem, contexto, e código.

Jakobson observou que toda mensagem focaliza, primordialmente, um desses componentes. Ora, se a mensagem está centrada, por exemplo, nas emoções do remetente, dizemos que possui uma função, essencialmente, EMOTIVA. Tal função tende “... a suscitar a impressão de uma certa emoção, verdadeira ou simulada” (idem, p.124)

Se, por outro lado, o discurso estiver orientado para o destinatário, seja através de um apelo, uma ordem, uma invocação, uma saudação, uma súplica etc. temos, então, em destaque, a função CONATIVA. A organização da linguagem da publicidade e da propaganda<sup>1</sup> é um exemplo claro de função conativa da linguagem.

Já a função FÁTICA apóia-se no contato, no suporte físico, utilizado no processo comunicativo. Quando testamos a comunicação com expressões como “Certo?” “Entende?” “Não é?” etc., estamos testando o canal. Essa função torna-se bastante evidente nos contatos telefônicos.

É ainda Jakobson (1991, p. 126) quem nos fornece esclarecimentos sobre essa função da linguagem: “*Este pendor para o contacto (...) pode ser evidenciado por uma troca profusa de fórmulas ritualizadas, por diálogos inteiros cujo único propósito é prolongar a comunicação.*”

---

<sup>1</sup> A diferença entre publicidade e propaganda é muito bem delineada por Rosane Mauro Monnerat em obra intitulada “A Publicidade pelo avesso” (2003, p.13-15). O texto possui aparato teórico, indispensável àquele que se dispuser a fazer uma análise fundamentada desse tipo de texto, observando-lhe a ideologia, os mitos e o processo de criação da palavra.

Em outra função – a POÉTICA – o escritor (1991, p. 130) centraliza maior força na mensagem. Ela se revela na escolha lexical, na combinação das palavras, no estatuto sonoro. A mensagem volta-se para si mesma, valorizando-se o signo em sua forma, seu som, seus múltiplos significados. Há dois modos básicos de arranjo que caracterizam o fazer poético: a **seleção** e a **combinação**, processos estes analisados pelo lingüista supracitado. Leia-se:

“A seleção é feita em base de equivalência, semelhança e dessemelhança, sinonímia e antonímia, ao passo que a combinação, a construção da seqüência, se baseia na contigüidade. A função poética projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação.”

É claro que a valorização do plano expressivo, no caso do texto jornalístico, deverá respeitar o compromisso que a imprensa tem com seu objetivo maior – o de informar. Portanto, a função poética virá, sempre, amparada pela referencialidade.

A mensagem pode centrar-se, por outro lado, no contexto, ou seja, no referente. Apresenta-se em destaque, então, a função REFERENCIAL. Sabemos que o texto jornalístico apóia-se, essencialmente, no fato em si, no contexto, inserindo-se, nesta função, por excelência. Isto não quer dizer, no entanto, que não se explorem, no texto midiático, outras funções, dialogando em subsídio.

É, ainda, Jakobson (1991, p. 19) quem nos esclarece sobre a hierarquia das funções:

“Às vezes, essas diferentes funções agem em separado, mas normalmente aparece um feixe de funções. Tal feixe de funções não é uma simples acumulação: constitui uma hierarquia de funções e é sempre muito importante saber qual a função primária e quais as funções secundárias.”

Também Chalhub (1999, p.11) tece um comentário sobre a mesma questão: “*Numa dada mensagem é impossível observarmos as funções em estado puro – são articuladas entre si, cruzando-se o jogo hierárquico dessas funções.*”

Podemos ter, ainda, o código explicando o próprio código, entendendo-se este, como um sistema de símbolos com significação convencional, circulando entre a emissão e a recepção através do contato ou canal. Assim, temos, como afirma Valente<sup>2</sup> (1998, p.95): “*Palavras que explicam palavras, cinema que fala de cinema, teatro de teatro, poesia de poesia, quadrinhos de quadrinhos, tudo isso constitui metalinguagem ou função METALINGÜÍSTICA.*”

Enumeraremos abaixo as funções que identificamos, a partir de nosso *corpora*. (algumas depreendidas, segundo a proposta de Jakobson). Entendemos que todas elas se enquadram como funções lingüísticas (embora, em algumas predomine o critério sintático e, em outras, o discursivo). Portanto, todas desempenham um papel fundamental para o sujeito comunicante e interpretante, verificando-se naquele, uma intencionalidade comunicativa.

Começemos, portanto, descrevendo (e exemplificando) as seis funções que identificamos com base em nosso material de análise. São elas: a função **transitiva**, a **metalingüística**, a **argumentativa**, a **caracterizadora**, a **coesiva** e a **expressiva**.

---

<sup>2</sup> Em interessante livro intitulado “*A linguagem nossa de cada dia*”, o professor André Valente tece importantes (e didáticos) comentários a partir dessa função (p.95-168). O autor cita diversos exemplos para explicar, por exemplo, como o cinema pode ser utilizado para explicar a sétima arte (metacinema) ou o teatro representar o seu fazer teatral (metateatro).

Começamos a analisar a primeira delas – a transitiva<sup>3</sup>. É básico, no uso dos *dicendi*, reconhecer que “quem diz, diz algo”. Logo, a transitividade permeia, ainda que de forma subentendida, todos os VDs. Além do objeto direto (o dito), o VD pode apresentar-se agregado a um objeto indireto pronominal como, por exemplo, em “perguntou-me” e “disse-me” (formas utilizadas por Machado de Assis, acompanhando as falas de Capitu) ou, ainda, “diverte-se” e “intrigou-se” (formas encontradas nos jornais O Dia e JB, respectivamente).

À respeito, ainda, do aspecto transitivo dos verbos em geral, devemos registrar o que nos alerta Azeredo (1997, p. 75). O autor aponta que a oposição transitivo/intransitivo é, tradicionalmente, marcada pela diferença de modos de significação do conteúdo léxico do verbo. Assim, intransitivos seriam aqueles que encerram processos, em si mesmos completos, e transitivos os que só se completam mediante uma informação adicional. O problema principal desse critério, diz o autor:

“...é deixar sem explicação a possibilidade de muitos verbos ocorrerem ora com o objeto, ora sem ele, como nos seguintes pares de exemplos: *Ana está escrevendo no quarto./Ana está escrevendo cartas no quarto. Miguel não bebe durante a refeição./Miguel não bebe nem um copo d’água durante a refeição.*”

Assim, conclui o autor, que o mais adequado seria dizer que o verbo “admite” transitividade, mas não a “exige”.

Mattoso (1999, p. 235) define transitividade no “Dicionário de Lingüística e Gramática” em sentido estrito e lato. Veja-se:

“Em sentido estrito, a necessidade, que há em muitos verbos, de se acompanharem de um objeto (v.) que complete a sua predicação (v.); em línguas de sistemas de casos (v.), como o latim, esse complemento indispensável é expresso pelo acusativo. O nome de

---

<sup>3</sup> Como a função transitiva permeia todos os VDs, fica subentendido que ela dialoga com as demais. Optamos, assim, por destacar a função mais relevante de cada VD em cada relato de fala específico. Já apresentamos uma hierarquia de funções, em estudo anterior (op. cit.), quando ainda não havíamos detectado tantas funções para os VDs e trabalhávamos com um *corpus* bem mais limitado.

TRANSITIVOS, dado a tais verbos em latim, decorreu da sua possibilidade de poderem passar (lat. transire) para a voz passiva, numa transformação (v.) em que o objeto é feito sujeito paciente (v.), no caso nominativo. Os intransitivos já não admitem essa transformação.

Em sentido lato, a transitividade é sinônimo de predicação incompleta, aplicando-se, quer aos verbos de objeto direto (transitivos diretos), quer aos de objeto indireto (transitivos indiretos).

No caso dos *dicendi*, embora alguns sejam considerados, segundo a tradição gramatical, intransitivos (como o caso do v. “**estremecer**” ou “**rir**”), o fato desses verbos estarem, discursivamente, relacionados ao dito, ou seja, de haver um complemento do *dicendi*, explicitamente, demarcado no texto, já pressupõe um caráter transitivo. Por outro lado, “o dizer” está implícito em todos os VDs. Assim, ao VD “**rir**”, subentende-se “disse rindo”. Negar, portanto, que esses verbos admitam transitividade seria de tal forma incoerente que não nos permitiria chamá-los de “*dicendi*”.

Já que a função transitiva é a mais evidente de todas e, exaustivamente, descrita pelos compêndios gramaticais e manuais de redação, optamos por discutir o aspecto transitivo dos VDs, a partir de exemplares, tradicionalmente, arrolados como intransitivos. Vejam-se:

#### Ex. 1

“Iracema **estremeceu**:

‘- Ele fala pela boca de Tupã.’ ” (1984. p. 22)

(Na realidade, a jovem índia “disse estremecendo”. Portanto o VD, em destaque, acumula duas funções. A primeira, do ponto de vista sintático e a segunda, do ponto de vista semântico).

#### Ex. 2

“ ‘Eu tinha um circuito muito Zona Sul. Muito TV Globo. Agora, estou tendo de freqüentar o Centro’, **ri**, irônica, numa referência às constantes idas ao Fórum.”

(JB – 8/12/2001)

UNIRIO, Departamento de Tecnologias e Linguagens

Av Paula Sousa, 351/403 – Maracanã Rio de Janeiro - Brasil - RJ CEP 20 271120

taniarodrigues@ig.com.br

(A jornalista Eliane Azevedo acompanha a fala da atriz Giulia Gam pelo VD “rir”, seguido pelo adjetivo “irônica”, selecionado a partir do conhecimento de mundo da narradora, uma vez que a entrevistada pleiteava na justiça a guarda de seu filho).

A segunda função detectada diz respeito ao aspecto metalingüístico do VD (uma das funções da linguagem, descrita pelo lingüista russo Roman Jakobson).

A metalinguagem<sup>4</sup> apresenta-se quando utilizamos o código para explicar o próprio código. Essa função torna-se bastante evidente através dos VDs, uma vez que o narrador, ao reportar as falas, centraliza a sua atenção no próprio texto, tentando caracterizá-lo ou descrevê-lo. Assim, se a fala reportada caracteriza-se como uma “enumeração” ou uma “listagem” de itens, o narrador opta pelos VDs **enumera** ou **lista**, respectivamente, escolhendo o tempo verbal que melhor se prestar à sua intenção comunicativa.

Veja-se essa função em destaque a seguir:

Ex. 1:

“Eri Johson tem CDs de Roberto Carlos no carro e encarna o amante à moda antiga: ‘Não tem mistério. Elas querem um homem em todos os sentidos. Que seja parceiro e ainda abra a porta do carro. Tenha caráter, amor, humor e que seja amigo. É uma obrigação ser gentil’, **lista**”  
(O Dia – 28/03/2002)

(Em matéria intitulada “*O que elas querem*”, a jornalista Clarissa Monteagudo utiliza o verbo “listar”, uma vez que o ator está, realmente, apresentando uma listagem de condutas que as mulheres, em geral, esperam do parceiro).

Ex. 2:

“ ‘- Deve’, **respondeu** a virgem, como um eco.” (p. 14)

---

<sup>4</sup> Em interessante livro intitulado “*A linguagem nossa de cada dia*” (p. 95-168, 1998), o professor André Valente tece importantes e didáticos comentários a partir dessa função que se apropria da língua para explicar, também, outras linguagens, como o cinema (metacinema), o teatro (metateatro), a poesia (metapoesia), a música (metamúsica), os quadrinhos (metaquadrinhos), a televisão (metaTV), a propaganda (metapropaganda), a prosa (metaprosas).

(Alencar, nesta passagem, apropria-se da função metalingüística para acompanhar a produção de fala da personagem Iracema que, no contexto, está realmente respondendo a uma pergunta).

Outra função importante dos *dicendi* – a argumentativa – está relacionada à interpretação (bastante subjetiva) que o narrador faz sobre o dito e que deseja imprimir, no texto final, como verdadeiro. É indiscutível que as palavras que escolhemos têm enorme influência em nossa argumentação. Assim, o escritor, ao selecionar os VDs e, antes ainda, ao selecionar os reportes de fala (ou fragmentos dela), poderá argumentar contra ou a favor de sua personagem, dando-nos uma espécie de “visão tubular” das idéias. Esses aspectos nos levam a interpretar a fala reportada da maneira como o escritor quer que a interpretemos.

A função argumentativa dos VDs, na literatura, dá-se a partir de um projeto de construção da personagem, elaborado pelo narrador. No jornalismo, embora o narrador possa ter, de antemão, uma face bem delineada da personagem social, o imprevisível poderá ocorrer e, de acordo com as idéias expostas pelo entrevistado, ou, ainda, por sua conduta durante o processo interativo, os VDs poderão dar a medida dessa relação interpessoal.

Vejamos, primeiro, como a argumentação, através dos VDs, ocorre no jornalismo, podendo o narrador credibilizar ou desautorizar a fala do entrevistado:

Ex. 1:

“ ‘É muita cara-de-pau do Garotinho afirmar, pela TV, que não conhecia o Silveirinha. Ele deve achar que está na frente de um bando de bobos’ – **protestou** o parlamentar, eleito com 169.131 votos.” (JB – 15/01/2003)

(Neste exemplo, o jornalista argumenta a favor do deputado Chico Alencar, utilizando ainda, outra estratégia argumentativa favorável ao dito – o uso de números – que credibiliza a fala do parlamentar).

Ex. 2:

“ ‘O papo vai rolar solto e a risada também, com essas quatro mulheres juntas’, **acredita** a jornalista, mais acostumada aos assuntos sérios dos telejornais.”

(O Dia 14/04/2002)

(O VD “acredita”, utilizado pela jornalista Marcelle Justo, argumenta contra a idéia da jornalista Mônica Waldvogel de pretender fazer um programa alegre, já que a apresentadora estava mais acostumada ao formato sério dos telejornais).

Apresentamos, a seguir, a argumentação, pelos VDs, nos textos literários:

Ex. 3:

“Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchado. De repente, **estourava**:

‘- Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa.’ ”

(2000, p. 92)

(Graciliano argumenta a favor de Fabiano, ou seja, as condições de vida do vaqueiro levariam qualquer um a “estourar” e o limite para isso era a necessidade de sobrevivência. Por isso, Fabiano acabava aceitando vender o pouco que tinha pelo valor que lhe ofereciam).

Vimos, através dos exemplos acima, que a voz do escritor se faz muito presente quando os VDs assumem uma função predominantemente, argumentativa. Esses verbos devem buscar a coerência com o projeto de fala, enquanto processo interlocutivo.

A quarta função, elencada por nós – a caracterizadora – é, mais facilmente observável, quando tomamos o conjunto de VDs utilizados para uma mesma personagem, considerando-a como ser individual ou coletivo. Neste último caso,

representando um grupo social (no nosso caso, a mulher romântica, a mulher realista, o retirante (fusão do binômio homem x bicho), a nordestina inculta e deslocada na cidade grande, o artista, o esportista, o político e o cidadão comum).

Relacionaremos, abaixo, os VDs que melhor caracterizaram<sup>5</sup>, nos textos analisados, cada uma de nossas personagens ficcionais e sociais<sup>6</sup>:

- 1) a mulher romântica: **suspira** (4 ocorrências), **murmura** (2 ocorrências), **exclama** (2 ocorrências), **estremece**<sup>7</sup>, **acode**.
- 2) A mulher realista: **replica/redargüi**<sup>8</sup> (3 ocorrências), **interrompe/atalha**, **pergunta** (4 ocorrências), **conclui** (3 ocorrências).
- 3) O retirante (no limite da condição humana): **grita**, **exclama**, **interroga**, **gagueja**, **protesta**, **insulta**, **estoura**; (ultrapassando a condição humana): **grunhe** (2 ocorrências), **berra**.
- 4) A nordestina inculta e desassistida nos grandes centros urbanos: **diz**<sup>9</sup> (18 ocorrências), **gagueja**, **ousa perguntar**.

---

<sup>5</sup> Optamos por relacionar os VDs que melhor caracterizaram as personagens ficcionais e sociais, uma vez que já apresentamos esses verbos em seus respectivos contextos.

<sup>6</sup> Seleccionamos VDs que se relacionam às personagens, tomando-as como representantes de um grupo social. A caracterização individual também se faz presente através dos VDs, mas precisaríamos de outro *corpora*, especialmente o das personagens sociais, seleccionando várias matérias de um mesmo entrevistado. No entanto, gostaríamos de ilustrar esse aspecto através de um reporte de fala, que não consta de nosso *corpus* midiático, mas que evidencia bem a função caracterizadora dos VDs. Em matéria de Ana Lúcia do Vale, encontramos um VD que caracteriza o comportamento anarquista do chamado “velho guerreiro”, Abelardo Chacrinha Barbosa, em seu programa “A Buzina do Chacrinha”: “*Quem quer bacalhau?*”, *anarquizava Chacrinha*. (O Dia – 10/06/2000).

<sup>7</sup> Os VDs sem nenhuma referência apareceram uma única vez no relato de fala da personagem.

<sup>8</sup> Agrupamos os VDs, para fins quantitativos, pelo sentido similar. Este procedimento nos confere uma melhor avaliação do perfil que o narrador pretende imprimir. Obviamente, alguns verbos guardam, entre si, diferentes conotações.

<sup>9</sup> Só consideramos o VD “dizer” como caracterizador quando o percentual de ocorrências ultrapassou o limite de 50% do total selecionado pelo narrador. Das personagens sociais, a que teve o maior número de ocorrências desse verbo foi o esportista (56 vezes).

- 5) O artista: **brinca**<sup>10</sup> (12 ocorrências), **diverte-se** (4 ocorrências), **lembra/recorda** (18 ocorrências).
- 6) O esportista: **brinca** (9 ocorrências).
- 7) O político: **afirma/garante** (43 ocorrências) / **alfineta/ataca/dispara** (21 ocorrências), **ironiza** (6 ocorrências)
- 8) O cidadão comum: **afirma/atesta** (13 ocorrências), **aconselha/alerta/recomenda/adverte** (10 ocorrências), **lembra/relembra** (7 ocorrências).

Passemos a quinta função dos VDs – a coesiva – principal responsável pela estruturação do texto reportado. Vejam-se os exemplos a seguir:

Ex. 1:

“ ‘- Só se pode explicar tal injúria pela convicção sincera; entretanto você que era cioso dos menores gestos, nunca revelou a menor sombra de desconfiança. Que é que lhe deu tal idéia? Diga’ – **continuou** vendo que eu não respondia nada -, ‘diga tudo; depois do que ouvi, posso ouvir o resto, não pode ser muito. Que é que lhe deu agora tal convicção? Ande bentinho, fale! Fale! Despeça-me daqui, mas diga tudo primeiro.’ ”

(p. 136)

Ex. 2:

“ ‘- Eu só gostaria de ter pequenas câmaras espalhadas pelo mundo para registrar o *Grand Finale* deste processo: as mulheres comprando nossos sonhos e imaginando a si próprias cercadas de muitos olhares e admiradores’ – **arremata** Roberto.”

(JB – 2/12/2002)

---

<sup>10</sup> O total de ocorrências corresponde aos VDs encontrados nos dois periódicos sob análise (JB e O Dia).  
UFRRJ, Departamento de Tecnologias e Linguagens  
Av Paula Sousa, 351/403 – Maracanã Rio de Janeiro - Brasil - RJ CEP 20 271120  
taniarodrigues@ig.com.br

(Roberto Stern, dono de uma das maiores joalherias do mundo (H. Stern), ressalta, na entrevista, o conceito de mulher que tenta reproduzir em seus catálogos, onde apresenta novas coleções de jóias femininas).

Passemos, agora, à sexta função dos VDs – a expressiva – que, normalmente, é associada à linguagem literária. Devemos ressaltar, aqui, que entendemos como expressivo, não somente o aspecto conotativo da linguagem, mas também a capacidade do escritor (ou falante) de selecionar e combinar elementos fonéticos, sintáticos, semânticos, morfológicos, tecendo associações mentais que caracterizem a criatividade e a habilidade no uso da linguagem.

Exemplos de função expressiva:

Ex. 1:

“ ‘Agora não tem mais desculpas’, ela disse, e me deu bilhetes para ver a peça... ‘É no Scala, você vê o espetáculo sentado numa mesa, bebendo e beliscando.’ ‘Hum, hum’, eu disse, e botei os bilhetes no bolso. ‘Como hum, hum?’ – **estrilou** a estrela – ‘convido você para ver a minha vagina e você diz hum, hum?’ ” (O Dia – 3/09/2003)

(A identidade fônica entre “estrela” e “estrilou” atende aos princípios básicos do fazer estético – a seleção e a combinação dos vocábulos).

Outro exemplo jornalístico, a seguir, ratifica o trabalho lingüístico esmerado.

Ex. 2:

“ ‘Não achamos justificável que o governador use métodos da ditadura’, **metralhou**.”

(O Dia – 21/01/2000)

(Marita Boss reporta a fala do ex-presidente nacional do PDT, Leonel Brizola, selecionando um VD que forma um campo semântico com “ditadura”, de cujo regime o ex-governador do Rio de Janeiro foi uma das vítimas).

Vimos que as mesmas potencialidades funcionais dos VDs podem ser exploradas tanto por escritores ficcionais como sociais. Sendo a criatividade lingüística, algo inerente a todo e qualquer indivíduo que domine um certo código de comunicação, ela poderá ser ativada a partir de motivações de toda ordem.

Assim, tem razão Charaudeau (1992, p. 40-41)) quando afirma que:

“Para evitar que uma lingüística seja, de um certo ponto de vista, *naïve*, é necessário que sua teoria e seus instrumentos de análise sejam centralizados sobre a descoberta dos jogos de significação psicossocial dos atos de linguagem que se trocam numa comunidade sociocultural.

É na carga semântica dos vocábulos, por meio dos modos de organização discursiva que os integram, e numa situação de intercâmbio, que se podem levantar as marcas desses jogos.”

Entender a trama de um discurso reportado parece-nos uma tarefa difícil. Começar a entendê-lo a partir do funcionamento dos VDs talvez seja um caminho para começarmos a entender as principais motivações lingüísticas e a intencionalidade do produtor do texto.

#### Bibliografia consultada:

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Editora Moderna, 1984. 63 p.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Scipione, 1996. 153 p.

CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. 119 p.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette Éducation, 1992. p. 599 – 629.

\_\_\_\_\_, Patrick. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. In: *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges Editora, 1999.

\_\_\_\_\_, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996. p. 5 - 43.

- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994. 125 p.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987. 159 p.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996. 318 p.
- GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1972. 502 p.
- GAVAZZI, Sigrid. *Da fala para a escrita tópico e argumentação nas entrevistas em periódicos*. Projeto de pesquisa apresentado à FAPERJ. Niterói: UFF, 1998. 35 p.
- GOFFMAN, Erving. A elaboração da face. Uma análise dos elementos na interação social. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (org.) *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 87 p.
- MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do Português*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A ação dos verbos introdutórios de opinião*. In: INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, n. 64, 1991. p. 74-92.
- SOUZA, Luiz Marques, CARVALHO, Sérgio Waldeck de. *Compreensão e produção de textos*. Petrópolis: Vozes, 1999. 163 p.
- OLINTO, Antônio. *Jornalismo e literatura*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional MEC, 1955. 76 p.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 80 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 155 p.
- RODRIGUES, Tânia Maria Bezerra. *Mídia Impressa: o verbo dicendi no discurso direto*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2000. 156 p.